

Álvaro Manuel Machado

*Universidade Nova de Lisboa*

## *Imagens da França e modelos literários franceses n'O Panorama*

Numa fase de crise de identidade da Literatura Comparada, um pouco por todo o mundo e especialmente em Portugal, muito se tem falado da legitimidade científica duma determinada linha de investigação comparativista (ou comparatista): a da chamada imagologia. Ligada à consuetudinariamente designada por “escola francesa” desde o início do século XX, mas expandindo-se depois sobretudo na Alemanha, e visando essencialmente o estudo da *representação do estrangeiro* numa determinada literatura, a investigação imagológica tem sido, por vezes, considerada superficial e mesmo cientificamente duvidosa, para não dizer inútil. Esta contestação desencadeou-se principalmente com a expansão da chamada “escola americana”, desde o célebre texto de René Wellek “The Crisis of Comparative Literature”.<sup>1</sup>

Paradoxalmente, nos últimos dez ou quinze anos, com a expansão dos chamados *Cultural Studies*, a problemática imagológica, sobretudo com o que ela implica de formação dum complexo imaginário social, voltou a ser amplamente abordada. Mas para lá da questão específica da problemática imagológica actual, lembremos, no que diz respeito a Portugal, que na própria formação do nosso Romantismo, e sobretudo desde Garrett e Herculano, a atitude de nacionalismo cultural implicou uma constante comparação com o estrangeiro. Ou melhor: com as imagens das culturas europeias, através da literatura (e não só), levando à formulação da problemática imagológico-cultural em três níveis: questões de comunicação (função e significado do estereótipo, em geral), mitologia do espaço estrangeiro e imaginário como modelo simbólico.

Ora, a imagologia, como eu próprio já tive oportunidade de a definir por diversas

---

<sup>1</sup> René Wellek – “The Crisis of Comparative Literature”. in FRIEDERICH, Werner, ed. *Comparative Literature Proceedings of the Second Congress of the ICLA*, 2 vols., Chapel Hill, Univ. of North Carolina Press, 1959, vol. I, pp. 149-160. Reed. em WELLEK, René – *Concepts of Criticism*, New Haven, Yale Univ. Press, 1963, pp. 282-295.

<sup>2</sup> Cf. Álvaro Manuel Machado – *Les romantismes au Portugal. - Modèles étrangers et orientations nationales*, Paris, F. Calouste Gulbenkian, 1986; *Do Romantismo aos romantismos em Portugal*. Ensaios de tipologia comparativista, Lisboa, Presença, 1996; c/ Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª ed., rev. e aumentada, Lisboa, Presença, 2001, pp. 48-66; *Do Ocidente ao Oriente .Mitos, imagens, modelos*, Lisboa, Ed. Presença, 2003,

vezes,<sup>2</sup> é uma linha de investigação da Literatura Comparada que lida, essencialmente, com questões de análise predominantemente culturalista do texto e do próprio estatuto social do autor, sem esquecer, por outro lado, a sua dimensão mítica. A *imagem literária*, projectando-se do interior para o exterior (daí a sua primordial ligação com a viagem a países mais ou menos longínquos), implica um conjunto de ideias sobre o estrangeiro, desencadeando um processo de *literarização* e de *socialização*. Ou seja: um processo de análise de duas ou mais culturas em confronto. Note-se que se trata duma linguagem simbólica por excelência, até na sua função frequentemente paródica e auto-reflexiva, formulando uma *representação* do Outro que tem a ver sobretudo com a história das ideias ou das mentalidades, ou mais exactamente: com estereótipos colectivos cujo sentido se enraiza em elementos de antropologia cultural. O que, de certo modo, nos permite conciliar a velha imagologia da chamada “escola francesa” de Literatura Comparada com os famigerados Estudos Culturais, relacionando, por outro lado, imagologia com estudo de modelos literários, por vezes tornados míticos (culturalmente e ideologicamente falando), como, por exemplo, se tornou em Portugal um Voltaire, fenómeno exemplarmente analisado por António Ferreira de Brito.<sup>3</sup>

Transpondo estes princípios teóricos para a análise de textos publicados naquela que é, porventura, a mais importante revista literária do nosso primeiro Romantismo, *O Panorama*, importa sobretudo pesquisar referências específicas à França e à cultura francesa, comparando-as com referências a outras culturas europeias e assinalando a recepção a modelos literários que elas implicam.

Como se sabe, fundado por Herculano em 1837, *O Panorama* tem uma função essencialmente instrutiva (era um *Jornal litterario e instructivo, da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*), sendo publicado aos sábados. Desde a sua apresentação, feita por Herculano, há todo um programa de ideias sobre o Romantismo virado para o estrangeiro, embora partindo duma verdadeira obsessão de regeneração nacional através da instrução que a leitura proporciona:

*A nação portuguesa, cumpre confessá-lo, é uma das que menos tem seguido este movimento progressivo da humanidade. (...) Sinceramente confessamos a nossa decadência intelectual: com a glória das armas morreu a nossa glória literária. (...) Anjos despenhados, procuremos subir outra vez às alturas de que, não nós, mas sim torrentes de calamidades públicas nos precipitaram. Trabalhem para nos instruir e melhorar nossos costumes, aumentando a civilização nacional.*<sup>4</sup>

Num outro número da revista, Herculano retoma esta ideia da função regeneradora da leitura, estabelecendo uma comparação entre a França, a Inglaterra e a Alemanha. Curiosamente, é sobretudo na Alemanha que ele considera ser a leitura uma verdadeira e generalizada “necessidade intelectual”, enquanto que em Portugal ler é apenas “um prazer, ou antes, um desfadío”.<sup>5</sup>

Quanto à imagem da França, assinala-se desde o nº7 um artigo de Herculano, “Galicismos”, que é bem característico da sua atitude de recusa da moda do “francesis-

---

<sup>3</sup> Cf. Ferreira de Brito – *Voltaire na Cultura Portuguesa. Os tempos e os modos*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1991.

<sup>4</sup> *O Panorama*, “Introdução”, n.º 1,t. I, 6 de Maio de 1837, pp. 1-2.

<sup>5</sup> *Idem*, n.º 36, t. I, 6 de Janeiro de 1838, p. 1.

mo” em Portugal. Herculano começa por fazer notar que a leitura frequente de obras escritas em língua francesa tinham corrompido a língua portuguesa: “tem corrompido a nossa linguagem por tal maneira que já hoje é impossível desinçá-la dos galicismos, nomeadamente os das frases, em que abunda”. Herculano nota, aliás, que a questão ultrapassa o mero nível gramatical, situando-se no interior da própria capacidade criativa, do próprio estilo pessoal: “sendo a nossa língua abundantíssima, e escassa a francesa a muitos respeito, (...) encurtamos e empobrecemos as formas e os elementos do discurso”. Mas ainda mais perniciosos do que os galicismos que empobrecem a expressão vocabular portuguesa são, para Herculano, os vícios duma galomania que impede a abertura a outras culturas e a outras literaturas estrangeiras:

*O que muito tem manuseado os livros franceses, não só não gosta de ler os portugueses, mas nem os ingleses, nem os alemães; nem os italianos, nem os de outra qualquer língua; porque cada nação, pensando a seu jeito, tem por consequência as suas ideias particulares, e o seu modo de as exprimir, e o espírito, habituado ao que é especial desta ou daquela, não se afaz levemente ao que o é de qualquer outra.*<sup>6</sup>

Esta foi a orientação, de certo modo francófoba, que Herculano deu ao *Panorama* desde o início desta revista cultural de grande difusão (5.000 exemplares a partir do quinto número). Por um lado, há a imagem histórica, que é muito frequente. Por exemplo: em 1857 é publicada uma série de artigos não assinados sobre a Revolução Francesa, intitulada “Reflexões (breves) sobre os efeitos gerais da Revolução Francesa”. A conclusão é nitidamente negativa: “A Revolução Francesa nenhum proveito trouxe à moral, à política, às artes e mui pouco às ciências”.<sup>7</sup>

Por outro lado, deveremos atentar nas imagens propriamente literárias da França. Estas surgem quase sempre por comparação entre a literatura francesa e as outras principais literaturas europeias, destacando-se, no século XIX, a inglesa e a alemã. Assim, por exemplo, a propósito do romance *Jack Sheppard*, de Ainsworth, publicado em Londres em 1838 e baseado na vida de um criminoso, surge no *Panorama* um longo artigo, não assinado, teorizando sobre a diferença entre a novelística inglesa e a novelística francesa, com elogios para a primeira e críticas acerbas para a segunda. Depois de considerar que a França rivaliza com a Inglaterra “naquela tendência literária a que podemos chamar de *espírito de invenção do romancista*”, o autor do artigo dá uma imagem da França como sendo um país frívolo na própria literatura, opondo-lhe a cada vez mais inventiva e grandiosa novelística inglesa, sobretudo depois de Walter Scott (e o elogio entusiasta do romancista inglês, além do vasto conhecimento da literatura inglesa manifestado, leva-nos a pensar que o artigo poderá ser do próprio Herculano):

*Parecia que no século passado a França ganhava a supremacia, porque as novelas que publicava, e que tinham por objecto os enredos amorosos ou a crítica de costumes, vogavam por toda a Europa, onde apenas encontravam de seus rivais ilhéus as obras de Swift, de Richardson, de Sterne e do fecundo e espirituoso Fielding, que jaz sepultado no Cemitério dos Ingleses desta nossa capital. Se não contarmos o vulgaríssimo Robinson, alguns escritos de Johnson, Smollet e de outros mais desconhecidos, a inundação de romances franceses assegurava ao povo de Paris o império da frivolidade. [...] A Inglaterra ultimamente, assim como é ciosa das vantagens*

---

<sup>6</sup> *Idem*, n.º 7, t. I, 17 de Junho de 1837, pp. 52-53.

*políticas que podem adquirir os seus vizinhos fronteiros do continente, parece querer-lhes também disputar a palma literária.(...) Se pudesse um século produzir mais de um Walter Scott, muito folgaríamos com a fecundidade que gerasse tão portentoso engenho, que na realidade é brasão do género humano.*<sup>8</sup>

Noutros dois artigos, estes assinados por Francisco Maria Bordalo, é estabelecida uma comparação geral, para lá dos géneros, entre as literaturas francesa, inglesa e alemã. Afirmando que na literatura do romantismo alemão o génio (sobretudo o de Goethe) “rompe todos os diques” e que nela “tudo é objecto de ciência”, Francisco Maria Bordalo acaba por dizer que as obras dos autores alemães têm um conteúdo “científico” nitidamente superior às dos autores franceses: “não têm o brilhante colorido das obras francesas, nem a utilidade prática dos escritos britânicos, porém mostram o supremo esforço da inteligência, são a arca santa da ciência”.<sup>9</sup>

Na verdade, pode dizer-se que, ao longo dos numerosos artigos publicados no *Panorama* que estabelecem comparações entre as principais literaturas europeias, as imagens literárias da Inglaterra e da Alemanha se sobrepõem frequentemente à da França, sobretudo no que diz respeito ao Romantismo. Um artigo anónimo, de carácter essencialmente biográfico, sobre Madame de Staël,<sup>10</sup> e o célebre texto de Herculano em homenagem póstuma à Marquesa de Alorna, a “Madame de Staël portuguesa”, vêm confirmar essa tendência, sobretudo quanto à visão que Herculano tem da literatura do Romantismo alemão (exaltada, como se sabe, por Madame de Staël em *De l’Allemagne*), quando comparada com a literatura do neo-classicismo francês:

*Como madame de Staël, ela fazia voltar a atenção da mocidade para a arte de Alemanha, a qual veio dar nova seiva à arte meridional, que vegetava na imitação servil das chamadas letras clássicas, e ainda estas estudadas no transuto infiel da literatura francesa da época de Luís 14º. Foi por isso, e pelo seu profundo engenho, que, com sobeja razão, se lhe atribuiu o nome de Staël portuguesa.*<sup>11</sup>

Se prosseguirmos a nossa pesquisa, forçosamente limitada, até aos anos 60 (como se sabe, *O Panorama* foi publicado até 1868), encontramos ainda um tipo de textos que comentam episodicamente este ou aquele artigo francês sobre Portugal e a literatura portuguesa, tomando o autor do texto, frequentemente anónimo, uma atitude crítica perante a falta de rigor dos franceses e a sua arrogância cultural. Para dar um exemplo particularmente característico, escolhi um texto de Pinheiro Chagas comentando um artigo de um tal V. De Mazade publicado na *Revue des Deux Mondes* de 1 de Julho de 1864, intitulado “Le Portugal sous le roi Dom Luiz – Impressions et souvenirs”. O artigo é traduzido e comentado, em vários números da revista, com o título geral de “Portugal contemporâneo avaliado por um viajante francês”.<sup>12</sup> O tradutor apresenta o texto dizendo que se trata de um artigo “notável, apesar de muitos erros e de muitas apreciações falsas que lhe podemos encontrar”. E acrescenta: “Mas estamos de tal forma habituados a ver os

<sup>8</sup> *Idem*, nº 233, t. V, 16 de Outubro de 1841, pp. 329-330.

<sup>9</sup> Francisco Maria Bordalo – “Os Alemães e a sua moderna literatura”, in *O Panorama*, nº 16, t. XIV, 18 de Abril de 1857, pp. 124-126.

<sup>10</sup> “Madame de Staël”, in *O Panorama*, nº 28, t. V, 24 de Abril de 1841, pp. 133-134.

<sup>11</sup> Alexandre Herculano – “D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna”, in *O Panorama*, nº 156, t. III, 2ª série, 21 de Dezembro de 1844, pp. 403-404.

estrangeiros, e principalmente os franceses, falarem das nossas coisas sem delas terem o mínimo conhecimento e sempre com intenções malévolas, que nos é agradável depararmos com um trabalho feito com alguma consciência (...). E, ainda mais ironicamente, considera que o leitor do *Panorama* deve ficar contente por ler uma obra (ou melhor, um artigo) “publicada na capital do mundo ilustrado, nessa Paris que herdou as tradições de Roma e de Atenas, não só no seu culto pelo espírito mas também no desprezo que vota aos povos estrangeiros”. Pinheiro Chagas, no final, retoma o tom irónico assinando um comentário em que define claramente a visão estereotipada do viajante francês ao passar por Lisboa:

*Observámos (...) no sr. V. De Mazade uma certa tendência para generalizar os factos. (...) Assim, para não irmos mais adiante, como encontra quatro ou cinco pessoas vivendo em hospedarias, supõe que é esse o costume geral e que os lisboenses não têm lar doméstico...*

Se passarmos para a análise dos modelos literários que mais frequentemente são estudados e citados ao longo dos trinta e um anos de existência do *Panorama*, verificamos que há um que se impõe sobre todos os outros: Walter Scott, modelo supremo para Herculano. Quanto aos autores franceses, há sobretudo os que Herculano comenta e traduz, como Delavigne, Béranger, Millevoye, ou ainda (embora não declaradamente traduzido por Herculano, Chateaubriand e, acima de todos, Lamennais, modelo decisivo para Herculano. Lamartine é referido principalmente na década de 40-50. Quanto aos críticos e teóricos da literatura, observa-se a predominância de citações de Eugène Pelletan e de Sainte-Beuve, este considerado um crítico “moderado” da escola romântica francesa.<sup>13</sup>

Concluindo, pode dizer-se que, estando *O Panorama* no centro da difusão do nosso primeiro romantismo e, por consequência, da sua relação com romantismos estrangeiros, em particular os europeus, pôs em questão o “francesismo” que se instalara na cultura portuguesa, sobretudo desde o século XVIII. De certo modo, o nacionalismo literário, conotado com a revolução liberal da primeira geração romântica, desencadeou todo um processo contraditório, bastante complexo, de atracção e repulsa pela imagem da França, quer a nível histórico-cultural, quer a nível propriamente literário. Por outro lado, sendo verdade que a imagologia é complementar dos estudos de recepção e de tradução, verificamos que ao longo dos trinta e um anos da revista os escritores franceses surgem como modelos literários universais e são frequentemente traduzidos, embora não se faça uma distinção crítica precisa entre um Delavigne e um Lamartine, um Lamennais e um Chateaubriand ou um Balzac, aliás mal compreendido e mesmo desprezado por Herculano. Isto é: um modelo literário estrangeiro (neste caso francês) sem dúvida secundário, pode, num determinado contexto histórico-cultural, ganhar uma dimensão considerada desproporcionada se o avaliarmos a nível propriamente estético.

Pergunta-se: ilusão duma imagem literária distorcida, além do mais, por estereótipos culturais? Poderá responder-se com as observações recentes dum já velho mestre do comparatismo espanhol, Cláudio Guillén:

---

<sup>13</sup> Cf. sobretudo uma série de artigos de Luís Augusto Palmeirim intitulada “Estudos críticos”, publicados em 1856, t. XIII, pp. 13, 22, 30, 34, 42, 51.

<sup>14</sup> Cláudio Guillén, “Tristes tópicos: imágenes nacionales y escritura literaria”, in *Múltiples moradas – Ensayo de Literatura Comparada*, Barcelona, Tusquets Editores, 1998, pp. 336-367.